





ODUQUE DO TRIUNFO

PERSONAGENS

(Por ordem de entrada)

Dna. Inácia de Campos Leão  
José Joaquim de Campos Leão Corpo-Santo  
Tales José de Campos Leão  
Malévola - uma vizinha  
Rei Dourado.  
Ministro Eleutério  
Dr. Dionísio  
Dr. Carlos  
Juiz de Órfãos e Ausentes  
Médico 1  
Médico 2  
Médico 3  
Narrador - Zé Cordeiro



(FANFARRA, POCO SOBRE O PANO DE BOCA ONDE SURGE O NARRADOR)

NARRADOR: Fiquem quietos por instantes, minhas senhoras, meus senhores, deixem prá lá suas dores, pois nós vamos lhes contar histórias antes contadas, por cultos historiadores, mas nunca representadas num teatro popular. Coube a mim ler tantos livros prá contar estas estórias, ter mais de sete memórias, para no papel passar. E depois a companhia cansou-se de ensaiar. Vocês pagaram as entradas, então vamos começar. Fimda a guerra dos Farrapos, e Imperador Dom Pedro botou as barbas de molho e disto não fez segredo. Largou nas mãos de Caxias, nobre paíficador, dinheiro em altas quantias prá demonstrar seu amor. Caxias deu impulso, ao desejo imperial e a maior beneficiada, foi a nossa capital. Por ter resistido aos Farrapos, impedindo seu sucesso, ganhou um presente de grego, - O PROGRESSO!

O exemplo de Caxias, logo encontrou seguidores e surgiram prá surpresa dos curiosos moradores: um banco, um edifício, uma / escola normal, uma escola de Direito e o Centro Comercial. Mas não parou só aí, o grande desenvolvimento. Pois as novidades / foram surgindo a todo momento. E nesta fase de glória, lá por mil oitocentos e sessenta, se passaram estas estórias, que a companhia apresenta.

Vou começar pela vida, de uma estranha criatura: José de Campos Leão, de alegada loucura. Se denominou Qorpo-Santo, pro riso da / aquela gente, pois todos acreditavam que ele era demente. Em 186 / foi que o fato se deu, ninguém ninguém sabe bem ao certo, como / foi que aconteceu, Qorpo-Santo era outro homem, dizem que enlou / queceu.

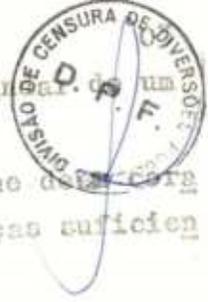
CENA I

(O Sr. Qorpo-Santo está escrevendo. Sua mulher Dna. Inácia arruma a casa. É estabelecido um jogo: Qorpo-Santo escreve e passa de um lado para o outro, tirando distraidamente as coisas dos lugares, deixa cair a cinza do seu charuto. Sua mulher, Dna. Inácia está arrumando a casa e fica incomodada com o comportamento do marido.)

D. INÁCIA: Peço encarecidamente ao Sr. meu marido, que não tire as coisas do lugar, senão de nada vale o meu esforço de estar arrumando esta casa. Olha lá, os livros já estão fora de lugar e o Sr. / deixou o chão todo sujo de cinzas.

QORPO-SANTO: Ora mulher, ora mulher, não vê que estou escrevendo? Puxa! / com tão semelhante mulher!

D. INÁCIA: Puxa! Com semelhante marido!



Corpo-SANTO: Por que não paras de limpar? Por que não paras de al- lado para o outro. Arrai

D. INÁCIA: E é o Sr. que reclama? É? Ai! Que os anjos do céu me dá- ges para aturá-lo, porque os da terra não tem forças suficien- tes. (Sai)

CORPO-SANTO: De que um cidadão tem direito? Nem de ao menos deixar brotar o seu gênio. Ora, valha-me Deus! Não se tem nem o direito de es- crever quanto isto se torna importante para o indivíduo? (Des- cobre de repente) É isto! É isto! (Volta a escrever, agora aumentando o ritmo) Não? (Para. Pega o papel e atira no chão. Levanta. Caminha. Respira fundo, volta rapidamente à cadeira. Senta-se e lê au mesmo tempo que escreve.) A quem os meus ver- sos ler/ E não entender/ Darei um doce:/ Mas quemesses mesmos versos ler/ E não entender/ Darei um coice./ (Escreve agora em ritmo intenso.) (Para, pega o que escreveu e lê:)

II

Tenho um compadre  
Que é padre,  
E usa comadre  
Que é madre.  
E esta?...  
Veio-me a testa  
Um pensamento esquisito,  
Mas bem bonito,  
Como tudo quando tenho escrito.

III

Por ser sábado  
Fui a missa  
E de preguiça  
Comi kágado  
Comi linguça.  
Linguça com ovos quentes  
Mas de avareza: - Ai gentes!  
Ai Thereza,  
Thereza Clara de Assumpção Macedo  
E azevedo.

(Corpo-Santo alegre atira as folhas para cima e dança. Dna. Iná- cia entrando.)

D. INÁCIA: O que é isto? Ficou louco homem? (Vê a desordem) OH! Não!! E limpei tudo agora ha pouco. Não, não. O Sr. me desculpe, mas agora o Sr. é que vai limpar, tenha a santa paciencia. O Sr. se mete aqui nesta casa dia e noite, desarrumando tudo o que está em seu lugar...



**QORPO-SANTO:** A sra. não faz mais que a sua obrigação. É dever das mulheres cuidar de sua casa, de seus filhos e de seu marido.

**D. INÁCIA:** E é dever dos maridos, cuidar de seus afazeres. O sr. pediu para que, pediu licença de seu cargo como professor, para ficar enfiado dentro de casa, não fazendo nada e atrapalhando quem quer cumprir as suas obrigações.

**QORPO-SANTO:** Não fazendo nada... Eu exijo respeito, estou cumprindo que a mim foi destinado por forças muito superiores que as do próprio indivíduo. Sabe a sra. que eu, José Joaquim de Campos Leão, estive morto por quase um quarto de hora, e que depois retornei a esta mesma terra. E que acrescido de um corpo santo, foi-me imposto por minha própria pessoa, iluminar tantos quantos souberam admirar e se beneficiar com tudo quanto possa esta minha cabeça criar de útil para a humanidade.

**D. INÁCIA:** Acho que o sr. tem é de consultar um doutor. Acho que algum para fuso está frouxo dentro de sua cabeça. O sr. deveria seguir meus conselhos. Depois que o sr. sofreu aquela pancada não é mais o mesmo. Nem ao menos os seus vencimentos o sr. vai buscar na Tesouraria. Acredita que até isto eu tenha que fazer? Enquanto que o sr. se planta aqui em casa?

**QORPO-SANTO:** Para mulher, por favor! Para de ralar a todo o instante. Ufa! não pode ver seu marido em casa, pelo menos um dia? Se eu não estou em casa a sra. se zanga, se eu estou, também. Que coisa!

**D. INÁCIA:** Como eu posso ver o sr. aqui? O sr. não come? Os seus filhos também não? E eu não preciso de nada? Olha se o sr. não for hoje, eu não faço mais caso do sr.

**QORPO-SANTO:** Não for hoje, onde?

**D. INÁCIA:** Ora, onde? Na tesouraria.

**QORPO-SANTO:** Costaria muito que a sra. não me aborrecesse.

**D. INÁCIA:** O sr. é que me aborrece. Homens como o sr. não poderiam esperar de suas mulheres nem mesmo a fidelidade.

**QORPO-SANTO:** A sra. está passando das medidas.

**D. INÁCIA:** É isto mesmo. E os maridos nem deviam de ficar, espantados se vissem sua mulher com namorados.

**QORPO-SANTO:** Isto é demais! Se não que a sra., como antes me amar e me obedecer, se retire e deixe-me em paz.

**D. INÁCIA:** Pois muito bem. Se é isto o que o sr. quer, que seja, então. Penso que eu vou derramar alguma lágrima, pois está o sr. muito enganado. O sr. há de se arrepender e muito, porque o sr. é que vai perder e muito. (SAI)

**QORPO-SANTO:** Ufa! Pois vá e não me incomode mais! (Para. Pensa. Volta a cadeira e olha os papéis que juntou. Senta-se, volta a escrever e lê ao mesmo tempo em que escreve.)

O ser invisível é Deus. Mas também é o vento.  
e vento,

Que agora mesmo, neste momento  
Corre refluindo corpos mortíferos,  
Com regular temperança.

Dando do cálido tempo semelhança  
Oh! que salutíferos facultativos  
Que do Orbe são originados!...

Por mal dos meus pecados  
Originados

Nuns zigue-zagues frios e molhados  
Nuns assovios molhados e frios.

(Corpo-Santo amassa a folha e joga ela longe. Deita a cabeça sobre a mesa e cobre ela com as mãos.)

## CENA II

(Corpo-Santo escreve. Entra um menino de 3 a 4 anos.)

**CORPO-SANTO:** Vem cá, vem Tales, vem aqui no colo do teu pai. (O menino aproxima-se timidamente.) Onde vai assim tão bonito? Dá um beijo no papá, dá. (O menino dá um beijo) Onde é que estão as tuas irmãs? Olha, Tales, deves cuidar delas, bem direitinho, viu? Eu nunca vi coisa assim. Que educação elas receberam de sua mãe, são ainda tão pequenas e já estão falando de namorados. Fique sempre perto delas. Afinal, quando eu não estou tu és o homem da casa. (Os dois riem.) Onde elas estão? Lá fora, na rua. (Entra Dna. Inácia com uma mala.)

**TALES:**

**D. INÁCIA:** Tales! Eu não tinha te pedido que tu me esperasse lá fora? Vai lá e fica com tuas irmãs. (Tales sai. Dna. Inácia fica a sós com Corpo-Santo.)

**CORPO-SANTO:** O que é agora?

**D. INÁCIA:** Vou embora. E não adianta o sr. querer impedir. Estou decidida.

**CORPO-SANTO:** A sra. é responsável por seus atos. E as crianças? E Tales, Idalina, Lidia e Plinia?

**D. INÁCIA:** Elas vão comigo. Porque o sr. não terá condições para educar eles, como é certo.

**CORPO-SANTO:** E por acaso a sra. terá, também? A sra. que não tem cumprido com seu dever de esposa, contrariando sempre seu marido. E seu comportamento neste últimos dias, não tem sido digno de uma senhora casada, de respeito.

**D. INÁCIA:** E o seu comportamento, é digno de um sr. casado?

**CORPO-SANTO:** Sra., vamos é deixar de discutir. Se a sra. quer ir embora,





pois que vá!  
 D. INÁCIA: Pois é o que eu vou fazer. (Pega a mala e sai. Corpo Santo fica mudo. B.O.)

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA III

(Está tudo na mais completa desordem. Livros em todos os cantos, Corpo Santo lê. Volta para a mesa, senta-se. Pega a pena. Para. Solta a pena.)

GORPO SANTO: Não sei porque eu não paro de escrever. Estou sozinho, podia aproveitar e sair com alguma dama. Mas não, fico aqui escrevendo como um idiota. Arrei! Não sei o que me inspira a continuar neste trabalho. Mesmo assim eu continuo, não adianta. Já sei, vou escrever uma comédia. (Pega a pena. Lê enquanto escreve.) Hoje é dia 14 de maio de 1866. Vivo na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Sul, e para muitos, Império do Brasil, se ve pois, que isto é uma verdadeira comédia. (Para. Atira a pena longe.) Para o inferno, esta vida de escritor. Fico só escrevendo, escrevendo. Ao invés de sair com alguma bela, Não vou mais trabalhar hoje, eu vou sair me divertir, isto, é isto o que eu vou fazer. (Veste-se. Entra Malévola.)

MALÉVOLA: O sr pode me dizer, quem mora aqui ao lado, seu Leão?

GORPO SANTO: E a sra. por acaso, não sabe?

MALÉVOLA: Eu não. Mas gostaria de saber, eu me preocupo com meus vizinhos. E o sr. nem se preocupa nem sabe o nome de seu vizinho.

GORPO SANTO: Eu me preocupo, sim, e muito.

MALÉVOLA: Então me diga, como é o nome de seu vizinho?

GORPO SANTO: Já disse que não sei. E para de me incomodar senão eu te excomungo.

MALÉVOLA: E o sr. acha que é algum santo? Acha que tenho medo de sua excomunhão?

GORPO SANTO: Está excomungada! (Faz um gesto)

MALÉVOLA: (Fazendo um movimento extraordinário com a cabeça e dando um grito de dor.) Meu Deus, perdoai-me, ele é o santo Padre (Cai de joelhos e se põe a orar com as mãos postas.)

GORPO SANTO: (Entra em um quarto. Logo depois, voltando, pega nas mãos da mulher e benze-a algumas vezes.) Eu te suspendo, mulher maligna, a maldição que fostes digna. Retira-te, porém de minha presença, e nunca mais insultes a quem só se ocupa em promover o bem geral. (Conduz Malévola pela mão até a porta. Malévola vai embora.)

GORPO SANTO: (Recostando-se sofá.) Medo, penso, flito e discorro.

Que sou casado. Que tenho mulher, ainda que minha grande mi-  
niga. Tenho filhos. Não estou empregado em serviço do Estado.  
Não tenho negócios particulares, que me obriguem a viver contra  
a minha vontade, ou como solitário. Mas não me deixam nem ver  
meus filhos. Não há noite que eu não tenha saudades deles, Não  
há noite que eu não tenha vontade de ter minha mulher. Sou /  
convidado por muitas mulheres e quando as procuro sou por elas  
desprezado. Ou me vejo impossibilitado quando elas estão dis-  
postas.

UMA VOZ : Temos o convidado muitas vezes e o sr. não quer vir sr. duque.  
CORPO SANTO: Estas mulheres que eu estou escutando, tem me roubado muito da  
minha tranquilidade. Elas me provocam tanto que me obrigam a /  
responder para elas.

OUTRA VOZ: Está cheio de dinheiro e ainda quer comer só?

CORPO SANTO: Eu não digo que elas não param de me provocar?

OUTRA VOZ: As mulheres querem ele e ele diz que elas querem fazer dele um  
padre.

(Corpo Santo volta a mesa, procura até achar um papel onde es-  
tá escrito um poema. LÊ.)

CORPO SANTO: É célebre!

Viver não posso,  
com minha mulher!

É célebre!

Não hei podido,  
com outra mulher!

É célebre

Também não posso,  
Viver sem mulher!

É célebre

Não hei podido,  
frequentar mulher!

É célebre!

Parece poder,  
Parece dever,  
tenho querer,  
e arrependei!

Se quando passo,  
olho e não faço,  
Se alguma caço,  
Se à noite a masso...  
É célebre!



(Corpo Santo volta a escrever, o sono bate, ele deita-se sobre a mesa. Corpo Santo sonha com seus personagens: O Rei Dourado e o Ministro Eleutério, da peça "Hoje sou um, e amanhã sou outro".

MINISTRO:

Não temais senhor... todo o povo vos ama, e a nação vos estima, mas desejo que aprendais a conhecer-vos, e aos outros... homens. E o que é o corpo e a alma de um ente qualquer da espécie humana, isto é, que os corpos são verdadeiramente habitações daquelas almas, que a Deus apraz fazer habitá-los e que por isso mesmo todos são iguais perante Deus.

REI:

Mas que foi no Império do Brasil o autor da descoberta, que tanto ilustra, moraliza e felicita honrando?

MINISTRO:

Um homem, senhor, predestinado sem dúvida, pelo Onipotente para derramar esta luz divina para todos os habitantes deste globo.

REI:

Mas quais os seus princípios ou os de sua vida?

MINISTRO:

É filho de um professor de primeiras letras; seguiu por algum tempo o comércio, estudou depois, e seguiu por alguns anos a profissão de seu pai, roubado-lhe pela morte, quando contava apenas de nove a dez anos de idade. Durante o tempo de seu magistério, empregou-se sempre no estudo da História Universal, da Geografia, da Filosofia, da Retórica, e de todas outras ciências e artes que o podiam ilustrar. Estudou também, um pouco de Francês e de Inglês, não tendo podido estudar também latim conquanto a isto deesse começo por causa de uma enfermidade. Lia constantemente, as melhores produções dos poetas mais célebres de todos os tempos, dos oradores mais profundos, dos filósofos mais sábios e dos retóricos mais brilhantes ou distintos pela escolha de suas belezas, de suas figuras oratórias. Foi esta sua vida até a idade de 30 anos.

REI:

E nesta idade o que aconteceu? Pelo que dizes, reconheço que não é um homem vulgar.

MINISTRO:

Nesta idade, deixou o exercício do magistério para começar a produzir de todos os modos e a profetizar!

REI:

Então também foi ou é profeta!

MINISTRO:

Sim senhor. Tudo quanto disse que havia de acontecer tem acontecido e se espera que acontecerá.

REI:

Como se chama este Homem?

MINISTRO:

Ainda não vos disse Sr., que este homem viveu em um retiro por espaço de um ano ou mais, onde produziu numerosas trabalhos sobre todas as Ciências, compondo uma obra de mais de 400 páginas em quarto, a qual se denomina "Enciclopédia ou Seis



meses de uma enfermidade". E aí acrescentam que tomou o nome de corpo Santo, por não poder usar o nome que usava: João da Silva Leão, ao interpretar diversos tópicos do Novo Testamento de N.S. Jesus Cristo, que até aos próprios Padres pareciam contraditórios!

- REI: Estou espantado de tão importante revelação!
- MINISTRO: Ainda não é tudo, sr. Este homem era durante este tempo de jejum, estudo e oração alimentado pelos Reis do Universo, com exceção dos de palha! A sua cabeça era como um centro, donde saíam pensamentos, que voavam às dos Reis de que se alimentava, e destes recebia outros. Era como o coração do mundo, espalhando sangue por todas as suas veias e assim alimentando-o e fortificando-o e refluindo quando necessário à seu centro! Assim é que tem podido levar a todo o mundo habitado / sem auxílio de tipo → tudo quanto há querido!!
- REI: Cada vez fico mais espantado com o que ouço dos teus lábios!
- MINISTRO: É verdade tudo quanto vos digo! Não vos minto e ainda não é tudo! Esse homem tem composto e continua a compor numerosas obras: Tragédias, Comédias, Poesias sobre todo e qualquer assunto, finalmente bem se pode dizer, que é um desses raros / talentos que só se admiram de séculos em séculos!
- REI: Poderíamos obter um retrato desse ente ao meu ver tão grande ou maior que o próprio Jesus Cristo?!
- MINISTRO: Eu não possuo algum, mas pode se encomendar ao nosso consul na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Sul, em que tem habitado e creio que ainda vive.
- REI: Pois serás já quem fará esta encomenda!
- MINISTRO: Aqui mesmo na presença de V.M. o farei. (Chega-se à uma mesa, pega uma pena e um papel, e escreve.) Senhor Consúl de Porto Alegre, de ordem de nosso monarca, tenho a determinar à V.Sa. que no primeiro correio envie à esta Corte, um retrato do Dr. Corpo Santo, do maior tamanho é mais perfeito que houver. Sendo indiferente o preço. —O Primeiro Ministro Dr. Sá e Brito —Corte, 9 de maio de 1866.— (Fechou depois de haver lido em voz alta, Chama um criado e manda por no Correio, recomendando seguir com toda a brevidade.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90010-025

CENA V

(Casa do Juiz de Órfãos.)

- JUIZ: Na qualidade de Juiz de Órfãos e Ausentes, encarreguei os Drs. Dionísio de Oliveira Silveira e Carlos Benjamin Petrasí, que sem dolo, malícia, amor ou ódio, procedam sem o exame de sani-

dade na pessoa de José Joaquim de Leão Corpo-santo, aqui presente e declarassem o que encontrassem acerca do estado mental do mesmo, com a palavra os Srs. Drs.



DR. DIGNÍSSIMO: Após proceder o exame, tenho a afirmar que: o suplicado está no gozo de perfeita saúde e por consequencia, apto para voltar ao magistério ou ao que mais lhe convenha. Tenho praticado numerosas vezes com o mesmo e sempre foi e é minha opinião que ele / nenhuma alteração sofreu em sua razão ou faculdades mentais.

DR. CARLOS: Há um ano e tanto fiz parte de uma junta médica que inspecionou o Sr. Corpo-santo e julguei-o no gozo perfeito de suas faculdades mentais. Tendo depois tratado de outras enfermidades e também praticado com ele numerosas vezes, até hoje, nenhum fato se há dado que me faça discrepar daquela opinião.

JUIZ: Então, julgo por sentença, firme e valioso o exame de sanidade e darei por publicada em mão do escrivão. (B.O.)

NARRADOR: Passados pouco mais de um ano, Qorpo Santo, foi levado mandado ao Hospício de Pedro II, no Rio de Janeiro, para que fosse examinado por médicos especialistas (foi mandado pelo sr. Juiz de Órfãos e Ausentes de Porto Alegre.)  
(Os médicos examinam Qorpo Santo.)

MÉDICO 1: Pela observação que fiz, o paciente não apresentou delírio parcial organizado e sistematizado e nem se nota nele este círculo de idéias fixas, formado pela insanidade da imaginação.

MÉDICO 2: A mim pareceu que o paciente no seu enunciado apresenta um acréscimo de atividade cerebral, que não pode exprimir um estado anormal do intellecto, senão quando esta atividade superexcitada por impressões externas, reflete de certo modo sobre o centro das percepções.

MÉDICO 3: Eu concluí que a não ser alguma exaltação cerebral com pequenos e raros desvios da intelligencia sobre certos assuntos, nada indica em seu organismo um estado mórbido.

MÉDICO 2: A desordem que segundo pendo, existe no órgão principal do aparelho de inervação, conquanto traduzida por fenômenos significativos, todavia exige para ser bem apreciada, de apurado exame dos atos do Sr. Corpo-santo e de prolongada conversação com ele entretida e habilmente dirigida.

MÉDICO 1: O que é certo é que o paciente não pode continuar a permanecer neste estabelecimento, o que naturalmente, constituirá uma preocupação para ele, podendo esta ir até o delírio.

MÉDICO 3: Concorde plenamente com o colega. O que o paciente carece é da convivencia com seus amigos e de distrações que o façam esquecer as contrariedades que diz ter sofrido no lugar de sua



residência na provincia do Rio Grande do Sul, apartado peraricamente da atmosfera sob que se deram estas cont até ultteriores observações. (B.O. LUZ NO NARRADOR)

NARRADOR:

E as "Obsrvações ultteriores", não tardaram. Passando um mes, de seu retorno à Porto Alegre, com sua liberdade e seus direitos recobrados, foi o Sr. José Joaquim de Campos Leão Corpo-Santo novamente intimado a comparecer a presença do Sr. Juiz de Ór-fãos e Ausentes, para novo exame de sanidade. (B.O.)

GORPO SANTO:

Tormento comendo, tormento bebendo  
Tormento andando; Irão sofrendo.  
Tormento dormindo, tormento sonhando,  
Tormento se rindo; irão padecendo.  
Tormento deitado, tormenta assentado,  
Tormento pesando - os irei matando.  
Tormento correndo, tormento caindo,  
Tormento chorando - os irei passando.  
Tormento lendo, tormento escrevendo,  
Tormento gemendo, os farei ir temendo.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Corpo Santo apresenta-se ao Juiz.)

GORPO SANTO:

Recebi a intimação de V.S. para amanhã comparecer na sala das audiencias, a fim de se proceder o novo exame de sanidade em minha pessoa. Mas porque ninguém está autorizado a ordenar exames de sanidade em quem apresenta documentos de pessoas mais habilitadas que o puseram no gozo de todos os seus direitos, provando assim horrosos crimes contra a mi-nha pessoa e bens aqui perpetrados, sempre com pretextos frí-volos, eu não comparecerei a tal exame. Seria expor-me a no-vo crime que pessoas mal intencionadas querem perpetrar. (SAI)

JUIZ:

Em vista de tal informação, julgo V.S. interdito, persistin-do o curador nomeado na administração de seus bens.

GORPO SANTO:

Eu, pai de seis filhos, professor público, posso dizer de duas cadeiras, com 39 anos de idade, casado, fundador de um colégio e diretor de dois, proprietário e literato. Vede que horrosos crimes contra minha pessoa, família e bens perpetrados, que horrosos crimes me puseram nesta condição. (B. O.)

NARRADOR:

Mesmo sendo interdito, José de Campos Leão não largou o seu escrito, continuou seu trabalho, sua estranha produção. Abriu uma tipografia, para imprimir sua obra que ele mesmo chamaria de: "Enciclopédia ou -- conforme sua vontade -- Seis meses de uma enfermidade". E aos 54 anos, morre esta figura popular: o Duque do Triunfo, de tísica pulmonar.

A COMPANHIA LÍRICA



PERSONAGENS

(Por ordem de entrada)

O Soprano Teresina Bayetti  
O Barítono Contini  
A Menina Lucrecia Cerrone  
Distinta  
Admirador  
Narrador, Zé Cordeiro

NARRADOR: Mas vamos continuar, sem deixar para depois, no ano de 1862, em pleno teatro São Pedro, que já tinha, não se espantem, sido inaugurado. Aconteceu um fato, algo de muito engraçado. Mas vejam com os seus olhos, agussem sua audição, Isto aconteceu de verdade, não é fruto da imaginação.

Ouve-se a voz do soprano Teresina Bayetti, ao fundo. Tempo. Luz e o volume aumentam. Teresina canta "Una voce poco fa", do "Barbeiro de Sevilha" de Rossini. Luz plena. Tempo. Entra o Barítono Contini e a menina Lucrécia. O barítono está notadamente nervoso. Teresina conclui. A menina aplaude. Teresina nota a presença de Contini e recompõe-se.

TERESINA: Oh! Mil perdões, estava eu tão inebriada, que nem notei quando o Sr. chegou. Espero que o Sr. não tenha se deixado ficar aí a ouvir-me por muito tempo. Oh! estou realmente constrangida, queira aceitar mais uma vez as minhas desculpas, Sr. Contini, mas exatamente neste momento eu estava experimentando a minha paixão dramática no "Barbeiro de Sevilha", logo no momento em que Rosina está só e perdida em seus pensamentos. Mas o que o traz aqui?

CONTINI: A senhora já....

TERESINA: Vamos, Lucrécia, não fica aí me olhando, traga logo um chá e umas broinhas de polvilho, para o Sr. Contini. (Lucrécia sai.) O Sr. / conhece esta ária? É "Una voce poco fa", de Rossini; é uma das de / minha melhor preferência. Acredito que o Sr., como um homem de / sentimento, das artes, também tenha se deixado levar por este mo- / mento tão feliz, em que apenas contribui com minha modesta voz, em / busca de grande inspiração.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0142 - CEP 90020-025

CONTINI: A senhora....

TERESINA: Ora senhor! Ora senhor! Não é necessário, se quer falar algo, meus sentidos já o perceberam e a sua expressão revela quão tocado es- / tás, atingido que foi o Sr., em seus mais elevados sentimentos. / (Lucrécia entra com o chá). Ah! enfim chegou o chá! (Servem-se) / Mas o que mesmo estava dizendo o Sr.?

CONTINI: Eu em verdade, aqui cheguei porque por aqui passava, e pensei em cumprir o mister de trazer-lhe as novas, embora não sejam elas de nosso agrado.

TERESINA: Que novas são essas, Sr. Contini? Alguma coisa ligada ao Festival em benefício, a que tenho direito?

CONTINI: Trouxe comigo o jornal "A Ordem". A senhora... a senhora já leu o que diz o cronista? (Teresina pega o jornal, Lucrécia acompanha / seus movimentos. A expressão de Teresina altera-se, ela lê quase que mecânicamente).

TERESINA: "A extensão de sua voz de soprano é de três citavas - dó grave, dó médio e dó agudo. De dó a sol, que deveria ser como dizem os fran- / ceses, de poitrine, custa a ouvir-se, mesmo a poucos passos de / distância. (Mais lenta) De sol a mi bequadro, que passa ao segundo / registo, a voz é mais débil, incerta e trêmula... (Desmaia. Lucré- / cia deixa cair a bandeja. O Sr. Contini tenta ampará-la, Lucrécia / ajuda-o. A custa de grande esforço, conseguem sentá-la).



**CONTINI:** Vamos, segure-a bem! (Dá o jornal à Lucrécia) Vê se consegue lê-la. Fique abanandoya, não pare, vou buscar um copo de água (saindo), segure-a bem. (Lucrécia abana, Teresina recobra os sentidos. Lucrécia solta-a e curiosa lê o jornal.)

**LUCRÉCIA:** "...daí para cima as notas são artificiais ou dissimuladas, úteis para vocalização, porém inúteis para cantar com elas e exprimir / força ou paixão dramática." (Ri. Teresina que escutava, põe-se a gritar.)

**TERESINA:** Ái meu coração! Eu não resisto, meu Deus! (Entra o Sr. Contini / com um copo com água. Teresina desmaia, novamente. Lucrécia e o Sr. Contini, a custa de novo esforço, conseguem sentá-la.)

**CONTINI:** Mantenha a calma Sra. Bayetti. Beba um gole desta água. Não há motivos para preocupações. Isto constrange-me inclusive de transmitir-lhe as más notícias... (Outro grito agudo. Teresina desmaia novamente. Lucrécia apressa-se em abaná-la com o jornal.) Com o jornal não! Procure outra coisa! O que está acontecendo? Então a Sra. não leu que o jornal não se referia a Sra. e sim a Dona Marieta Badei? (Teresina recobra os sentidos repentinamente.)

**TERESINA:** O que? Onde está o jornal?

**CONTINI:** Onde está o jornal? (Para Lucrécia) -Traga o jornal! É da forma como lhe falei. O cronista não se referia a Sra. (Lucrécia entra / lendo curiosa o jornal. Contini tira-o de suas mãos e dá à Teresina, que lê, já rapidamente recuperada. Teresina, sem muita convicção;) Mas no entanto, deverá a Sra. compreender que é meu dever de como amigo, colocá-la ao par das intrigas que correm pela cidade, conquanto não seja tarefa de meu inteiro agrado.

**TERESINA:** Diga Sr. Contini, pode dizer. A que intrigas o Sr. se refere?

**CONTINI:** É que os admiradores do soprano Marieta, não se conformaram e se voltam contra a Sra., querendo por seu intermediário, atingir os cronistas que não tem poupado elogios ao seu talento.

**TERESINA:** O Sr. poderia explicar-me de forma mais clara?

**CONTINI:** Os admiradores da Sra. Marieta Badei exigem que a Sra. cante antes de seu benefício, "Norma".

**TERESINA:** Por que tal imposição, quando estou sempre pronta a satisfazer a vontade do público. Mas, eu acho que poderia cantar "Norma"...

**CONTINI:** Mas de nada adiantará. Porque estão propalando por aí que a desfeitearão, os admiradores da Sra. Badei, se a Sra. cantar com a Sra. Castagneri, e os da Sra. Castagneri, se a Sra. cantar com a Sra. Badei. Digo-vos, Sra. Bayetti, que a situação apresenta-se bastante constrangedora e sem solução.

**TERESINA:** O que devo eu ter feito, para ser vítima de tão monstruosas intrigas. A única solução que neste momento me acode é a de fazer uma declaração ao meu público, de quem tantos favores tenho recebido. E executar este benefício, colocando nele todas as forças de minha

D. P. 15

alsa.

CONTINI: Bravo! Bravo! Com este espírito preparado para a luta, certamente lhe sorrirá a sorte. (Todos cantam da Ópera "Barbeiro de Sevilha", "Zitti, zitti, piano, piano". Lucrécia, Teresina e Contini cantam cada vez mais emocionados, e abraçam-se contentes. A cena escurece.) (Foco no Narrador).

NARRADOR: Mas de nada adiantou  
a sua exolicação  
mal começou a canção  
em pleno palco iluminado  
Seu canto foi abafado  
por vaias de todo o lado  
Deu chiliques na cantora  
Foi cancelada a função.

Os seus fãs indignados  
com tamanha irreverência  
dos vaiadores malvados  
Tomaram suas providências  
carregando-a em triunfo  
até sua residência,  
e ofertaram-lhe regalos  
para mostrar sua descência.  
Houve até um admirador  
que para mostrar afeição  
recitou-lhe como praxe,  
esta singela oblação:

(Em cena, Teresina, a menina Lucrécia, o Barítono Contini, Distinta, um senhora, e o admirador.)

ADMIRADOR: (Tirando um papel do bolso, lendo.)

Qual do cisne a voz plangente  
Que no lago ecoa ingente,  
a voz tua sonora  
ecoa no peito meu,  
como visão vaporosa  
com imagens mil do céu.

Quando os apóstolos pregavam  
o povo mortificavam.

Tu, porém, a voz soltando,  
chamas ao bem, à ternura,  
a mais ímpia criatura  
a fé tu pregas cantando.

Canta, ó Anjo de Harmonia  
que o teu cantar tem magia,  
cumpre na terra a missão

que um grande genio te inspira,  
que eu lanço humilde na pira  
uma baga de oblação! ...



-- -- FIM DO 1º ATO -- --

O AÇOUQUE DA RUA DO ARVOREDOPERSONAGENS

(Por ordem de entrada)

Catharina Ramos  
José Ramos  
Ferreiro  
Jenuário  
Caixeiro  
Chefe de Polícia  
Guarda

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Meloiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

**NARRADOR:** Aos senhores que voltarem, deste breve intervalo, reservemos outra estória e sem querer intimidá-los, pedimos: se for nervoso, ou muito impressionado, não nos deixará nem um pouco malintendidos se abandonarem o recinto. Pois apresentaremos, neste segundo ato uma estória que faz tremer este nosso povo pacato.

CENA I



Cessa de José e Catharina Ramos. Catharina acende o lampião e -  
no espelho e começa a trocar de roupa. A porta abre-se bruscamente, -  
Catharina assusta-se. A porta está seu marido, José Ramos, com uma fa-  
ca na mão e avental sujo de sangue. José aproxima-se lentamente em di-  
reção à Catharina que está petrificada. José Ramos para; Catharina re-  
compõe-se.

CATHARINA: Que susto que me destes, José! Podias ter mais cuidado ao abrir a -  
porta. Isto não é jeito de gente. Arrc. (Volta a arrumar-se) O que o  
Sr. quer?

JOSÉ RAMOS: Acabou a carne. (José coloca a faca em cima da mesa, retira o avental  
coloca-o sobre ela também, dirige-se ao armário e dela retira uma gar-  
rafa e um copo, enche o copo de aguardente e bebe-a de um gole só)

CATHARINA: Oh! José. Quantas vezes eu tenho que lhe pedir para não por as cima -  
dos móveis estas coisas sujas; eu não tenho tempo para ficar arruma-  
do e limpando e não quero ver esta casa suja de sangue.

JOSÉ: Está bom; pois eu já tiro. (José tira a faca de cima da mesa, envol-  
ve-a no avental, coloca-os dentro de uma bacia e enche novamente o co-  
po.)

CATHARINA: A situação não está boa. Se por um lado temos sorte, por outro temos  
azar. De nada adianta aumentar a nossa freguezia se já está nos fal-  
tando a matéria prima. Está ficando muito difícil este negócio. Já -  
quase não temos o suficiente para os nossos fregueses mais antigos e  
todo o santo dia uma outra pessoa bate à nossa porta, querendo com-  
prar linguiça.

JOSÉ: O que nós vamos fazer, estamos precisando de carne? Se não conseguirmos  
carne não vai dar para atender os pedidos dos fregueses. O que tam-  
bí, não sei se chega para amanhã (José toma mais um gole.)

CATHARINA: Eu sei muito bem disto. Estou me arrumando para sair, vou dar um jei-  
to. É o Sr. vê se não fica bebendo aí desse modo. Logo terá traba-  
lho. (José fecha a garrafa.)

JOSÉ: A Senhora vai sair logo?

CATHARINA: Sim, Sr... Por que?

JOSÉ: Eu não gosto disto. (Aproxima-se de Catharina) É dos homens que eu  
não gosto. Quando eles lhe pegam... (Abraça Catharina) Ela se afas-  
ta. José grunhe.)

CATHARINA: Mas isto é preciso. Deixa de preocupações. (Catharina volta a arru-  
mar-se. José põe o avental e termina de limpar a faca) O Sr. se lem-  
bra do Lourenço Brabo.

JOSÉ: Lourenço Brabo?

CATHARINA: Sim, aquele que é dono de um açougue no Rio de Santana.

JOSÉ: Sim, me lembra.

CATHARINA: Pois eu sei que os irmãos dele, o João e o Neco, andavam falando mu-  
das coisas das linguiças.



JOSÉ: Aquelas porcos.

CATHARINA: Elas poder chissas de invaja, depois que souberam que o boticário que há anos comprava linguigas lá no açougue do irmão delas, trouxe as linguigas delas pelas noças.

JOSÉ: Cachorros!

CATHARINA: Bem, já vou indo. Acho bom o Sr. ir se preparando porque eu acredito - que terá serviço hoje. (Catharina sai. José esbrevaja e dirige-se ao porão resmungando algumas coisas incompreensíveis. Leva consigo o lampião.)

CENA II

Catharina entra, voltando da rua. Deixa a porta entreaberta e fica o lbando para a rua. Abre um pouco mais a porta para o forasteiro que entra rapidamente.

CATHARINA: Espero que ninguém o tenha visto entrar.

FORASTEIRO: No, ya tive muito cuidado. Tongo certeza que ninguém me ha visto entrar aqui.

CATHARINA: O Sr. deve compreender a minha situação... ainda mais sendo o Sr. um forasteiro... É melhor fechar logo a porta. (A cena escurece) Fique como estivesse na sua casa, vou buscar o lampião e volto logo. (Catharina vai até o porão onde José dorme sentado numa cadeira.) José, José, acorde homem, temos trabalho. (José resmunga, reconhecendo-se) Vou levar o lampião, acenda outro, anda. (Pega o lampião) Estás pronto?

JOSÉ: Estou, estou pronto. (Catharina vai sair) Catharina. É bom a Senhora não demorar. Não gosto quando fica muito tempo com estes homens. Um dia subo lá e acabo tudo ligeiro.

CATHARINA: É melhor o Sr. se acalmar, para não estregar tudo. Eu já lhe disse para deixar de preocupações. E, se o senhor quer prosperar de verdade tem que fazer alguns sacrifícios, deixar de lado algumas virtudes. Agora é melhor que nos apressemos antes que ele desconfie de alguma coisa. (Catharina retorna ao quarto. O forasteiro está sentado à cama.) O Sr. me desculpe pela demora. É que no escuro foi difícil achar o lam... (O forasteiro abraça-a) Oh! senhor...

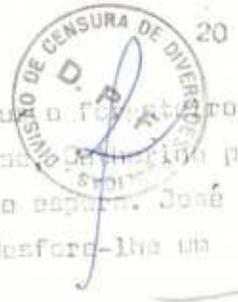
FORASTEIRO: Senhora, no puedo mas. Tus ojos são dos uvas e tu pelo es el trigo del camino e tu cuerpo, señora por favor... (baixa-a)

CATHARINA: Que bonitas são suas palavras, forasteiro. Pareceo versos. Mas eu não sei, não sei se devo...

FORASTEIRO: Por favor, señora, no tortures mi corazón, que solo quiere un poco de cariño.

CATHARINA: Não fale mais forasteiro.

FORASTEIRO: Soy suyo, todo suyo. My amor... ←



CATHARINA: Eu também sou toda sua, Forasteiro. (Catharina conduz o Forasteiro até o lugar onde se acha um algopão, os dois beijam-se. Catharina põe a alavanca e o forasteiro cai no parão onde José o espera. José investe contra o forasteiro que está desacordado e desfere-lhe um golpe fatal. S.S.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-024

CENA III

Catharina prepara-se para dormir, José entra cobisbaixo. Os dois ficam mudos por um instante. Catharina continua se arrumando, José a observa por um tempo, depois junta o casaco do forasteiro que ficou no chão.

JOSÉ: Como era o nome dele?  
 CATHARINA: Dele quem? Do forasteiro? Parece que era Miguel.  
 JOSÉ: (Enrola o casaco) As pessoas acabam desconfiando...  
 CATHARINA: As pessoas! As pessoas o que querem é comer, encher a sua barriga e ter as suas moedas pra poder arretar as nossas linguíças.  
 JOSÉ: Não acho melhor esperar um tempo... eles vão esquecer a entã... É muito arriscado isto...  
 CATHARINA: Fica tranquilo e para com estas medos. Mete uma coisa nesta cabeça. Ninguém vai se preocupar. O Forasteiro era um pobre diabo como os outros. Por eles ninguém se preocupou. Eles se preocupam com o medo deles ou quando sentem na carne. Aí fora eles mesmo se matam uns aos outros. É um pobre coitado a mais ou a menos... Eu sei, eu via do meio desta vida, lutando contra a morte de perto. Eu era pequena. A minha gente veio do outro lado, do mar, e vencendo o mar e perdendo a vida, chegaram aqui. Mas aqui também nada mudou, aqui deste lado. Aqui como lá eles se exprmem se esmagam e vence sempre o que tem mais força. Eu quero ser forte, porque eu quero comer como eles comem, na mesa que eles comem, com a toalha, com as porcelanas, e com os talheres que eles comem. Eu sou como eles, eu jogo o mesmo jogo deles. Por isto eu digo com certeza, eles vão se preocupar. (Silêncio. José pega as pertences do forasteiro e sai. Catharina arruma a cama. Batem a porta, Catharina acosta-se e dirige-se à porta.)  
 CATHARINA: Quem está batendo?  
 JAMUÁRIO: Sou eu, Dona Catharina, o Sr. Januário do armazém.  
 CATHARINA: Ah! Sim, espere um momento, já vou abrir. (Abre a chave e abre a porta.)  
 JAMUÁRIO: A Senhora me dá licença? (Entre)  
 CATHARINA: Esteja a vontade. E Sr. deseja alguma coisa?



- JANUÁRIO: É que tenho por costume visitar meus vizinhos, e a ora que estou aqui em sua casa, vi que tinha luz, então pensei: sendo a Senhora uma vizinha e frequentar porque não fazer-lhe uma visitinha.
- CATHARINA: Eu agradeço ao Sr. a lembrança. Tem um chá?
- JANUÁRIO: Obrigada, não quero comer nenhuma estorva.
- CATHARINA: Ora, seu Januário, não é estorva nenhum. (Serve o chá)
- JANUÁRIO: A Senhora é realmente encantadora. Pessoas como a Senhora é que fazem que nossemos raças de aproximação.
- CATHARINA: O Sr. é muito bondoso. (Alargando-lhe a xícara)
- JANUÁRIO: As raças não fazem os homens diferentes, e não ser em algumas maneiras. Mas existem pessoas que tentam pregar a discórdia fazendo fuscunhas por aí. Existem criaturas más e criaturas boas em todas as raças. Mas ainda tem que existem pessoas como a Senhora, pessoas queridas, simpáticas com os vizinhos... e com outras pessoas... (Coloca sua mão sobre a mão de Catharina)
- CATHARINA: ... (Tirando a mão) O Sr. quer mais um pouco de chá?
- JANUÁRIO: Não, obrigado. (Catharina tira as xícaras) Estes dias experimentei a linguagem que a Senhora faz e descobri porque todos gostam de suas linguagens, só poderiam ter sido feitas pelas mãos de um deus. Não é por nada que a Senhora está aumentando a sua frequência. É o esposo, não tenho visto ele ultimamente, está viajando, não é?
- CATHARINA: Sim ele está viajando. O Sr. me desculpe seu Januário mas acho que não fica bom para uma Senhora quando receber a visita de um cavalheiro principalmente à noite, eu queria lhe pedir...
- JANUÁRIO: Não se preocupe minha senhora, está escuro lá fora e além do mais tomei todos os cuidados para que ninguém visse eu entrar em sua casa. Eu sabia que a Senhora estava só e tenho notado que a Senhora não gosta muito da solidão.
- CATHARINA: O Sr. me desculpe seu Januário, mas acho que não estou entendendo o que o Sr. quer dizer...
- JANUÁRIO: Ora, minha senhora, eu compreendo perfeitamente, ao final de contas a Senhora é muito jovem e bela e o seu esposo... me perdoe... por isto eu não posso condená-la por receber a visita de algum senhor mais aliado.
- CATHARINA: Estou bastante confusa e continuo não entendendo muito bem o que o Sr. está querendo realmente dizer. Saiba o sr. que eu tenho a maior respeito por sua pessoa, mas não posso deixar que o Sr. levante estas dúvidas sobre o meu comportamento. Eu sempre lhe considerarei um cavalheiro.
- JANUÁRIO: Ora, dona Catharina, não preciso negar, eu tenho visto, com estes olhos.
- CATHARINA: O Sr. há de compreender a minha situação...
- JANUÁRIO: Eu já disse, compreendo perfeitamente. Afinal tenho o esposo que a Senhora tem...

- CATHARINA: (Sustentando o choro, abraça o Januário) Oh! Sr. Januário.
- JANUÁRIO: Ora, ora, não chore, não tem porque chorar.
- CATHARINA: Alguém mais sabe?
- JANUÁRIO: Não, creio que não. Mas daí uma coisa a Senhora pode ter certeza, isto jamais sairá da minha boca.
- CATHARINA: Como o Sr. é bom, seu Januário.
- JANUÁRIO: (Abafando-a) Dona Catharina, eu também gostaria de entregar-lhe o meu segredo: eu sinto uma coisa me queimando aqui dentro quando vejo a Senhora. Seu sorriso não sai da minha cabeça. Eu fico triste quando vejo a Senhora distribuir o seu amor por não ter descoberto ainda uma pessoa para dá-lo inteiro.
- CATHARINA: Por favor, eu lhe peço, não fale mais. O Sr. não sabe o que eu tenho pensado. O queato me sinto eu.
- JANUÁRIO: Olha, Dona Catharina, eu já não sou mais jovem, mas muita coisa eu poderia lhe oferecer, undei juntando umas boas moedas... e ponho em suas mãos algo maior que a minha riqueza: a minha vida.
- CATHARINA: Que palavras bonitas, o Sr. realmente é um cavalheiro. Parece um nobre. Perto do Sr. eu me sinto muito bem.
- JANUÁRIO: Oh! Minha Catharina eu não resisto mais... deixa-me abraçá-la para diminuir este fogo que me queima. (Januário abraça Catharina que, provavelmente, tenta conduzi-lo até o lugar onde se encontra o alçapão)
- CATHARINA: Por favor Sr. Januário, eu gostaria tanto, mas o meu marido...
- JANUÁRIO: Eu lhe ofereço tudo que tenho, coloque-me a seus pés como um escravo e a Senhora ainda pensa em seu esposo este monstro que não a ama, que deixa a Senhora sozinha. Este bruto que não compreende a Senhora. (Januário abraça e beija Catharina. A porta se abre bruscoamente e entra José Ramoa com uma faca na mão) O Senhor... o que está acontecendo... (Januário procura a saída, Catharina se põe a frente da porta) O que é isto... A senhora me disse que ele...
- JOSÉ: (Aproximando-se) Valha desgraçado, vou acabar consigo.
- JANUÁRIO: Não, não. Por favor... Sr. não.
- JOSÉ: (Golpeando Januário) Morre porca imundo. Que o diabo te leve para o inferno. Infeliz.
- CATHARINA: Agora já chega. Leve este corpo daqui logo.
- JOSÉ: Miserável.
- CATHARINA: Quase que o Sr. pôs tudo a perder. Não podia ter esperada um pouco.
- JOSÉ: Eu covi o que ele falou...
- CATHARINA: É o que tem isto, agora ele já está morto. Mas o Sr. podia ter estragado tudo, ele sabia muito.
- JOSÉ: Vão sentir a falta dele...
- CATHARINA: Mas ninguém pode desconfiar de nós. Ninguém viu ele entrar aqui, ele disse que ninguém bastante para que ninguém visse ele entrar.
- JOSÉ: (Olhando para Januário) Eu não gosto de fazer isto...
- CATHARINA: Agora não já temos carne suficiente para bastante mercadoria. Pode nos ficar algum tempo sem preocupações. Leve o corpo lá para baixo, enquanto eu busco o... (S.D.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



José Ramos guarda as jóias da vítima em um cofre que tira do armário e onde estão os pertences das outras vítimas. Apanha uma garrafa, serve-se de aguardente, toma um gole. Batem à porta. Sobressalta-se.

JOSÉ RAMOS: Quem está batendo?

CAIXEIRO: Sou eu, o caixeiro do armazém. Tenho uma entrega para a vizinha.

JOSÉ: Espera um pouco. (Esconde rapidamente o cofre e entreabre a porta). O que é?

CAIXEIRO: Venho trazer um pacote de farinha que a vizinha esqueceu lá no... (O cachorro que acompanha o caixeiro entra na casa.) Ei, espere aí, (José tenta pegá-lo, o caixeiro entra para pegá-lo). Vem cá, vem cá. (Pega-o) Não se entra assim na casa dos outros.

JOSÉ: Onde está o pacote?

CAIXEIRO: Dentro do balaio, aí, é o pacote de farinha de... Não é que eu me esqueci (para o cachorro). Tudo por culpa tua, viu? A senhora, a senhora sabe, o senhor não pode chamá-la para ela dizer qual a farinha que esqueceu?

JOSÉ: (Chamando) Catharina vem cá falar com o caixeiro. (José toma um gole mais, o caixeiro observa).

CAIXEIRO: O senhor já soube que desapareceu o meu patrão? (José diz que não com a cabeça) Saiu de casa ontem de noitinha e não voltou até agora... já avisaram a polícia... (levando o cachorro até a porta) Vai brincar lá fora.

JOSÉ: Catharina!

CATHARINA: (De fora) Já vou, já vou!

CAIXEIRO: O sr. fabrica linguiça, né. (Especula) Todo mundo diz que elas são muito boas. (Ri) Como é que a gente faz uma linguiça, hein?

JOSÉ: (Nervoso) Quer parar de espicular moleque (O caixeiro assusta-se, José resmunga irritado. Entra Catharina.) Por que demorou tanto?

CATHARINA: O que houve?

CAIXEIRO: É que a senhora esqueceu ontem lá no armazém um pacote de farinha, e eu me esqueci qual era a farinha.

CATHARINA: É mesmo, esqueci, (Vai até o balaio) onde ando com a cabeça? Está aqui, é a farinha de trigo. (O caixeiro pega o balaio). Obrigada. (O caixeiro vai saindo) Ei, quando tu passares aqui me traz uma trança de alho. Não esquece, tá?

CAIXEIRO: Tá bom, pode deixar que eu trago. (Sai rapidamente)

CATHARINA: Parecia que estava assustado. Que houve, José?

JOSÉ: Este moleque!

CATHARINA: O que tem este menino?

JOSÉ: Eu acho que ele sabe de alguma coisa.



- CATHARINA : Como é que ele pode saber?
- JOSÉ: Ele veio aqui para nos espiar.
- CATHARINA: Ora, José, acaba com estes medos.
- JOSÉ: Ele fez muitas perguntas.
- CATHARINA: Que perguntas?
- JOSÉ: Sobre as nossas linguças.
- CATHARINA: Ora, ora, todo mundo sabe que nós fabricamos e vendemos as melhores linguças de Porto Alegre.
- JOSÉ: Ele falou que já avisaram a polícia, sobre o desaparecimento do patrão dele, acho que a gente vai ter que acabar com ele.
- CATHARINA: Pára, o sr. está me deixando nervosa. Te acalma. Nós temos que ter muito cuidado. Agora, me ajuda a terminar de fazer as linguças. (Sai).
- JOSÉ: Este menino não me engana, ele deve saber de alguma coisa. (Batem à porta) Quem é?
- CAIXEIRO: Sou eu, senhor, o caixeiro do seu Januário. Trouxe a trança de alho.
- JOSÉ: A porta está aberta, pode entrar. (O Caixeiro abre a porta e fecha para o cachorro)
- CAIXEIRO: Fique aí fora brincando, eu não demoro. (Entra e deposita sobre a mesa a trança de alho) Dizem que é bom para espantar o diabo. (O Caixeiro apanha o balaio) O sr. me desculpe eu ficar perguntando mas é que todo mundo gosta tanto da sua linguça (RI). Eu já comi, é boa mesmo. O que o sr. faz para ela ficar tão boa?
- JOSÉ: Prá que tu queres saber?
- CAIXEIRO: Era só pra saber. O senhor chefe de polícia vai lá hoje de tarde, no armazém, vai fazer algumas perguntas, eu tenho que estar lá. A coisa está feia, já desapareceu muita gente...
- JOSÉ: Para de falar, para de falar! (Pega a faca)
- CAIXEIRO: (Saindo assustado) Eu ainda tenho que ir na Rua da Olaria...
- JOSÉ: (Impedindo-o de sair) Tu sabe, não é? Tu sabe de tudo.
- CATHARINA: (Entrando) O que está acontecendo?
- CAIXEIRO: Não senhor, que é isto... eu não sei... (Tenta sair) (José impede). Deixa eu sair, deixa eu sair. (José dá uma bofetada no Caixeiro, ele cai desacordado).
- CATHARINA: O sr. está louco? Quer nos levar à prisão?
- JOSÉ: Ele sabia de tudo... e agora o que nós vamos fazer?
- CATHARINA: O que vamos fazer... o mal já está feito, não adianta mais.
- JOSÉ: Eles vão nos prender.
- CATHARINA: Pára José, por favor. É o sr que vai nos levar à cadeia, se continuar assim.
- JOSÉ: Estou com medo.



CATHARINA: Nós estávamos quase nus, o sr. se lembra? Era um dia Meus pés doíam, estavam muito gelados, não tinha mais ma brasa. Agora tem bastante lenha.

JOSÉ: Não está certo. Eles vão nos pegar.

CATHARINA: Qualquer passo errado, pode ser o último passo, mas eu quero continuar subindo nesta escada para ser mais forte do que eu sou. José, leva ele lá prá baixo e dá um jeito nele antes que ele acorde. Não tem outra maneira, agora não dá mais para voltar atrás.

CENA V

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O Cachorro do caixeiro está do lado de fora ganindo. José e Catharina dormem. José acorda sobressaltado.

JOSÉ- Catharina! Catharina! Estás ouvindo?

CATHARINA: O que, José?

JOSÉ: Não estás ouvindo? Parece Cachorro.

CATHARINA: Não estou ouvindo, trata de dormir. O sr. anda muito nervoso.

JOSÉ: Mas parece que eu ouvi.

CATHARINA: Dorme, vamos, dorme.

JOSÉ: Está bem. (José dorme. Silêncio. Batem à porta. José e Catharina acordam sobressaltados.)

JOSÉ: Quem é que está batendo?

C. POLÍCIA: É a polícia, abra.

JOSÉ: Catharina. Estamos perdidos. Vamos fugir. (José acende o lampião;) Espera um pouco (Catharina levanta-se. José arruma-se rapidamente) Vamos te veste logo. Vamos embora. Depressa.

C. POLÍCIA: Abram em nome da lei!

CATHARINA: José abra a porta.

JOSÉ: Mas eles vão nos prender.

CATHARINA: Nós não vamos conseguir fugir. O único jeito é enfrentá eles. Abra logo a porta e fique calado. (José abre a porta entram o Chefe de Polícia e um guarda com o cachorro nos braços).

C. POLÍCIA: Boa noite. Eu sou Chefe de Polícia, e estamos aqui porque recebemos uma denúncia dos vizinhos, dizendo que o caixeiro do armazém da esquina, não voltou para casa hoje, e como o Sr. Januário o dono do armazém, encontra-se também desaparecido, d'ósseram os vizinhos que ele saiu à tarde para fazer umas entregas e que não voltou até agora. Acreditam eles, que o menino deve estar aqui, pois este cão que o acompanhava estava ganindo à porta dos senhores. (O Chefe de Polícia pega a faca de cima da mesa e observa. José resmungo.) O sr. disse alguma coisa?

JOSÉ: Não.